



Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil

Eristic argumentation in digital interactions: a medical polemic about chloroquine in CNN Brazil's Debate 360 show

Isabel Cristina Michelan de Azevedo

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe / Brasil

icmazevedo@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-5293-0168>

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

paulosegundo@usp.br

<http://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

Eduardo Lopes Piris

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia / Brasil

elpiris@uesc.br

<http://orcid.org/0000-0003-3718-8126>

Resumo: Este artigo visa a analisar dois tipos de interações argumentativas erísticas realizadas na rede social YouTube da CNN Brasil: a interação entre debatedores e mediadores do Debate 360 e a interação entre os comentários dos usuários da rede social sobre o mesmo debate. Apóia-se nos aportes teóricos de Plantin (2008) sobre a perspectiva interacional da argumentação, de Amossy (2018) sobre a argumentação polêmica, de Walton (1998) sobre o diálogo erístico e de Culpeper (2011) e Blitvich (2010) sobre a impolidez na interação. O *corpus* constitui-se de doze intervenções argumentativas do debate e uma cadeia de nove comentários, caracterizados pelo diálogo de teor erístico. A análise do *corpus* focaliza (1) a interação entre dois especialistas sobre o tema controverso do uso da hidroxicloroquina em pacientes de covid-19, mediados por dois jornalistas e (2) a interação entre usuários da rede em reação à argumentação dos médicos. O estudo demarca quais características da modalidade polêmica estão

presentes nos dois tipos de interação, especifica as marcas do diálogo erístico e indica como os atos de impolidez associam-se à argumentação. Os resultados permitem compreender o funcionamento da interação argumentativa erística no ambiente digital e como o processo de formação de bolhas ideológicas potencializa as oportunidades de confronto de posição.

Palavras-chave: polêmica argumentativa; interação argumentativa; modelo dialogal da argumentação; impolidez.

Abstract: This paper aims at analyzing two types of eristic argumentative interactions held in CNN Brazil YouTube channel: an interaction between debaters and mediators in the ‘Debate 360’ show and an interaction between the comments of the social network users about the same debate. The study draws on Plantin’s (2008) interactional perspective on argumentation, on Amossys’s (2018) view on argumentative polemics, on Walton’s (1998) conception of eristic dialogue and on Culpeper’s (2011) and Blitvich’s (2010) discussion on interactive impoliteness. The corpus is composed, in terms of the debate, of twelve argumentative interventions and, in terms of comments, of a chain of nine utterances, all of them characterized by the instantiation of eristic features. The analysis focuses on (1) the interaction between two specialists, mediated by two journalists, about a controverse theme – the usage of hydroxichloroquine on Covid-19 patients, and (2) the interaction between the social network users in reaction to the debaters’ argumentation. The study shows which characteristics of polemics are instantiated in both interactions, specifies the features of the eristic dialogue that characterize the interactions and indicates how impoliteness acts are associated with argumentation. The results enable to comprehend how eristic argumentative interactions work in the digital environment and how the formation of ideological bubbles affords opportunities for conflicts of opinion.

Keywords: argumentative polemics; argumentative interaction; dialogue model of argumentation; impoliteness.

Recebido em 04 de abril de 2021

Aceito em 03 de maio de 2021

1 Introdução

Este artigo objetiva compreender como a argumentação se configura na web social, que permite a articulação de pessoas, ferramentas e comunidades em torno de uma questão argumentativa. Em particular, interessa-nos entender como o engajamento em discursos polêmicos altera os modos de interação e promove a argumentação erística.

Esse tem sido um tema de interesse por pesquisadores de diferentes áreas (filósofos, sociólogos, políticos, publicitários, cientistas da computação etc.), uma vez que cotidianamente são ampliados os meios que possibilitam as interações digitais e são muitos os impactos desse tipo de participação social. Particularmente, no campo dos estudos linguístico-discursivos da argumentação, há certa carência de trabalhos no Brasil que tenham foco na descrição do funcionamento da argumentação erística, por isso optamos por fazer isso em associação com o modelo dialógico e os estudos da polêmica no discurso.

Embora a argumentação erística tenha sido tematizada desde a retórica antiga – Platão empregou o termo “erístico” para se referir à discussão que se organizava de maneira a criar embaraço ou confundir um adversário em um diálogo a fim de dificultar sua participação ou torná-la ridícula, por exemplo (BENJAMIN, 1983) –, mais recentemente os trabalhos diversificaram seu escopo em função de interesses distintos, como mapear a avaliação de debates políticos pelos telespectadores, o desenvolvimento de modelos computacionais de análise de interações na web, o aperfeiçoamento de pesquisa em torno da inteligência artificial, entre tantos outros.

Na busca por materialidades que permitissem alcançar o objetivo proposto, optamos por analisar as interações digitais que foram motivadas por um debate televisivo, organizado pela CNN Brasil, em torno da polêmica em relação ao uso (ou não) de cloroquina no tratamento de pacientes contaminados pelo Sars-Cov-2. O debate foi transmitido no dia da substituição do segundo Ministro da Saúde do Brasil em 2020, circunstância que teve entre as motivações justamente a divergência de posições do ministro Nelson Teich e do presidente da República quanto à determinação de uso desse medicamento durante a pandemia.

Assim, decidimos organizar a reflexão deste trabalho em quatro partes. Após a introdução, são apresentadas as bases teóricas que norteiam o entendimento da interação argumentativa em torno de temas polêmicos e incluímos uma breve caracterização da argumentação erística em associação aos modos de impolidez. Na segunda parte, são apresentados os procedimentos metodológicos estabelecidos tanto para a análise do vídeo televisivo quanto dos comentários relativos a ele. Na terceira, procedemos à análise dos dois tipos de materialidades discursivas e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 Fundamentação teórica

Nossas reflexões apoiam-se na perspectiva interacional da argumentação, tal como formulada por Plantin (2008), bem como nos aportes de Amossy (2018) sobre a argumentação polêmica, de Walton (1998) sobre o diálogo erístico e de Culpeper (2011) e Blitvich (2010) sobre a impolidez na interação.

Plantin (1996, p. 11) estabelece as bases de seu modelo dialogal da argumentação, caracterizando-o pela oposição entre discursos, definindo a interação argumentativa “como uma situação de confronto discursivo durante o qual são construídas respostas antagônicas a uma questão”. Segundo Plantin (2008, p. 68), a oposição a uma intervenção¹ pode se manifestar por meio de fenômenos interacionais que vão desde a emissão de reguladores negativos verbais ou paraverbais até um episódio de divergência conversacional que contenha argumentos, de modo que “a contradição conversacional pode ser reparada por procedimentos de ajuste e de negociação ou evoluir rumo ao aprofundamento do desacordo”. Assim, o desacordo circunscrito a uma interação conversacional comum é insuficiente para configurar uma interação argumentativa, pois é necessário que o desacordo seja tematizado pelos interactantes.

Como nota Grácio (2010, p. 291-292), o que Plantin propõe é uma teorização da especificidade da argumentação que visa a considerar a sua complexidade interacional, na qual se destaca a ideia da oposição – a recusa de ratificar uma proposição –, ideia essa que mantém, conforme Grácio (2010, p. 291), “a intuição fundamental de Perelman segundo a qual o argumentar se opõe à evidência”, mas altera a máxima retórica perelmaniana “duvidar, decidir-se e convencer”² para “propor, opor-se e duvidar”, colocando, portanto, mais ênfase “nas operações descritivamente fundamentais do argumentar do que na problemática da intencionalidade discursiva considerada na perspectiva da ação retórica sobre os espíritos”. Plantin atribui, assim, à interação argumentativa a presença da oposição de discursos, a diferença problematizada em uma questão argumentativa, os atos argumentativos de propor, opor-se e

¹ Conforme Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 57), a intervenção é “produzida por um único e mesmo falante: é a contribuição de um falante particular a uma troca particular. Ela não deve ser confundida com o turno de fala [...]”.

² Referência ao artigo de Chaïm Perelman “Le libre examen, hier et aujourd’hui”, publicado pela *Revue de l’Université de Bruxelles*, em 1949.

duvidar associados aos papéis argumentativos do proponente, oponente e terceiro.

Plantin (2008, p. 63) concebe um modelo dialogal da argumentação que “se propõe a repensar a atividade argumentativa em um quadro ampliado, no qual a enunciação está situada contra o pano de fundo do diálogo”. Ele parte da definição de Schiffrin (1987, p. 17-18) de que “a argumentação é um modo de discurso nem puramente monológico nem puramente dialógico, [é] um discurso pelo qual os locutores defendem posições discutíveis”, para sublinhar o caráter bifacetado da argumentação, ou seja, o “caráter misto, enunciativo e interacional, da atividade argumentativa” (PLANTIN, 2016, p. 75) e orientar seu projeto teórico no sentido de “articular um conjunto de noções que permitam levar em conta esse aspecto biface da atividade argumentativa” (PLANTIN, 2008, p. 65), tais como as marcas linguísticas da polifonia enunciativa.

Partindo da palavra “diálogo”, Plantin (2016, p. 323) assinala que “dialogal” remete ao diálogo cotidiano entre dois ou mais participantes de uma situação de interação face a face e que “dialógico” corresponde à polifonia enunciativa que caracteriza a fala de um locutor único como a encenação de “uma gama de vozes com as quais esse locutor pode ou não se identificar”, ao passo que “monologal” refere-se ao discurso monogerido por um único locutor, o qual também é dialógico, porém liberado das coerções da interação face a face.

Se o modelo de Plantin (2008) oferece meios para analisar a argumentação na interação, as teorizações de Amossy (2011) sobre a argumentação no discurso possibilitam, complementarmente, considerar os aspectos sócio-históricos e institucionais da interação argumentativa, bem como as características da modalidade polêmica da argumentação.

Nesse contexto, Amossy (2011, p. 131) assume o postulado da argumentatividade inerente à língua(gem) para propor que os discursos possuem uma dimensão argumentativa e podem ainda revelar uma visada argumentativa, afirmando que “é preciso diferenciar entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) parceiro(s)”. São exemplos da visada argumentativa o discurso eleitoral, o anúncio publicitário etc. e da dimensão argumentativa a notícia de jornal, o romance, entre outros.

Dito isso, Amossy (2011, p. 131-132) propõe três distintas modalidades de visada argumentativa que podem se combinar num discurso, ou seja, diferentes estruturas de troca argumentativa que permitem o funcionamento do projeto de persuasão, a saber:

- na modalidade demonstrativa, uma tese é apresentada por um locutor, num discurso monológico ou dialógico, a um auditório do qual ele quer obter a adesão pelos meios da demonstração fundamentada, do raciocínio articulado apoiado em provas;
- na modalidade negociada, os parceiros que ocupam posições diferentes, até mesmo conflitantes, esforçam-se para encontrar uma solução comum para o problema que os divide e chegar a um consenso através de compromisso;
- na modalidade polêmica, desenvolve-se um confronto violento de teses antagônicas, em que duas instâncias em total desacordo tentam superar a convicção da outra, ou de uma terceira que as ouve, atacando as teses contrárias.

Sem desprezar o fato de que tais modalidades podem se combinar para constituir um discurso caracterizado pela visada argumentativa, procuramos ressaltar as propriedades da modalidade polêmica em nossa análise da interação argumentativa erística no debate e nos comentários ao debate publicados na rede social Youtube, uma vez que, conforme Amossy (2018, p. 18-19), a polêmica é a modalidade argumentativa que privilegia o confronto e o choque das posições antagonistas. Temos, assim, que as características da polêmica na visada argumentativa são: a dicotomização (exacerbação das oposições); a polarização (divisão dos participantes em grupos antagonistas); o descrédito do outro (desqualificação do adversário); a ênfase na projeção do *pathos* e na violência verbal, ainda que não obrigatórios.

Segundo Amossy (2018, p. 19), a polêmica exerce funções sociais diversas tais como autorizar posicionamentos políticos, persuadir não o adversário, mas um terceiro, unir aqueles que compartilham as mesmas opiniões, dar voz a um protesto que reivindica uma mudança, permitir uma coexistência no dissenso ao canalizar o conflito e ao impedi-lo de descambar para a violência física.

Tal antagonismo descrito por Amossy pode culminar na emergência daquilo que Walton (1998) denomina diálogo erístico, mais especificamente, o diálogo sofisticado ou discussão erística.³ Para

³ O autor subdivide os diálogos erísticos em querela e diálogos sofisticados. Esses últimos são denominados por van Laar (2010) como discussões erísticas, designação assumida neste artigo.

o autor, discussões erísticas estão orientadas para a busca pela vitória, atingida ao demonstrar superioridade intelectual no debate sobre a questão em pauta. Quando realizadas diante de um auditório, tais interações primam por impressionar quem assiste. Nesse sentido, os argumentadores acabam explorando o espaço de argumentação tanto para se promoverem e depreciarem o outro quanto para reforçarem sua perspectiva e ridicularizarem a outra.

Walton (1998) identifica cinco importantes traços gerais de diálogos erísticos (no que tange à interação entre os participantes com potencial de interação recíproca):

1. a alta frequência de ataques pessoais;
2. uma atitude fechada, caracterizada pela rejeição a conceder aos argumentos do outro lado, de forma a nunca admitir derrota e buscar vitória a todo custo;
3. a distorção dos pontos de vista e dos argumentos do outro, procedimento que usualmente é denominado como *falácia do espantelho*;
4. desvios tópicos que deslocam a argumentação para pontos apenas marginalmente relevantes em termos da questão em debate;
5. uma atitude de simulação de razoabilidade, comum em diálogos erísticos diante de um terceiro, por meio da qual se pretende dar a entender que quem está agindo irracionalmente é o outro. Nesse sentido, não é incomum que os participantes enunciem que é o outro que está “reduzindo o nível do diálogo” ou “sendo desonesto”.

Van Laar (2010) amplia a discussão realizada por Walton (1998), a partir da perspectiva pragmadialética, ao propor compreender a discussão erística, em primeiro lugar, como um jogo performado diante de um auditório, que atuará como juiz ou júri. Em segundo lugar, o pesquisador reforça o posicionamento de Walton ao ratificar que os argumentadores envolvidos nessa modalidade de discussão buscam construir uma imagem de razoabilidade, utilizando-se de estratégias que, de fato, podem ressoar com o que o auditório considera razoável, ainda que, nem sempre, façam de fato avançar a discussão em pauta. Em terceiro lugar, discute como os argumentadores buscam equilibrar essa simulação de razoabilidade com uma demonstração de assertividade retórica, de forma a fazer com que o auditório reconheça sua competência

na sustentação de suas posições. Não se trata, pois, necessariamente, de o auditório ser persuadido – ainda que isso possa, sim, ser em um objetivo importante, em especial no que concerne ao terceiro, aquele que ainda está em dúvida e que busca formar sua opinião –, mas, sim, de o auditório conseguir depreender que aquele argumentador foi mais hábil do que o outro. A argumentação é percebida por seus participantes como uma competição, em que os argumentadores são vistos como adversários – e por vezes como inimigos – e os espectadores comportam-se como plateia de um jogo, agindo como torcedores de um e de outro time ou jogador.

Em contextos de alta polarização política, como o que vivemos atualmente, não é difícil que uma interação sobre um tema sensível, cuja oposição discursiva esteja ancorada em posicionamentos políticos marcados, deslize de um diálogo persuasivo – orientado não só a levar o auditório a aderir a uma das posições considerando as razões apresentadas e escrutinadas, mas também a informá-lo sobre as múltiplas interpretações sobre um tema – para um diálogo erístico. Nesse deslizamento, o foco passa a ser vencer, ridicularizar o outro, mostrar-se mais competente e hábil, de forma que a discussão da questão fica em segundo plano, em um processo que, não raro, visa a conquistar aplausos do grupo que já apoia previamente uma dada posição do debate. Isso pode ser nitidamente testemunhado quando observamos interações digitais entre atores que reagem a um dado debate, pondo-se a comentar e a discutir sobre a questão, como é o caso sobre o qual nos debruçamos na análise a ser empreendida na seção 4.2.

Nesse sentido, a impolidez, que, conforme Culpeper (2011), se manifesta em atos de fala orientados a agredir e atacar a imagem do outro, bem como a buscar a discórdia torna-se uma ferramenta efetiva que cimenta a coesão endogrupal (*nós*) pelo rechaço daquilo que é *lhe* é alheio – a posição do exogrupo (*eles*), que passa a ser visto como merecedor de violência verbal. Nas interações erísticas em mídias digitais, o grau de impolidez é ainda intensificado pelo fato de os comentadores não estarem, de fato, expondo-se como indivíduos, mas como membros de um grupo, a partir de suas filiações discursivas. Não são primariamente suas faces pessoais que estão em jogo, mas os valores, as propostas e as concepções que caracterizam a coletividade que representam. Nesse caso, os efeitos da impolidez acabam sendo múltiplos, como bem destaca Blitvich (2010, p. 541): “ela é usada contra o exogrupo para criar um sentido de ‘*nós versus eles*’, uma vez que constrói como indesejáveis os valores

do outro, e para ampliar o sentido de pertencimento ao endogrupo”, em um processo que acaba sendo amplificado pela formação de bolhas ideológicas ou câmaras de eco (BAKIR; MCSTAY, 2017), características do ambiente algorítmico das redes. A ridicularização do outro e/ou das posições que caracterizam esse grupo acabam, então, intensificando o processo de antagonismo e de indignação que caracteriza a visão do endogrupo acerca do comportamento e do pensamento do exogrupo, que, idealmente, deveria ser eliminado da arena pública.

Esses dados corroboram a visão de Van Laar (2010), que argumenta que o público-espectador de uma discussão erística é tipicamente heterogêneo, ou seja, composto por grupos de atores sociais com posições distintas acerca do que está em debate, mas também tipicamente leigo tanto no que se refere à questão argumentativa propriamente dita – no caso de nosso *corpus*, o público-alvo efetivo não é composto de médicos e epidemiologistas – quanto às próprias técnicas de argumentação, ainda que seja para impressioná-lo retoricamente que a ação dos argumentadores se volta.⁴

Logo, vemos que as discussões erísticas se aproximam daquilo que Dascal (1998) denomina disputa. Para o autor, disputas são intercâmbios polêmicos orientados à vitória, que se baseiam numa lógica de competição na qual a divergência de opinião se encontra ideológica e atitudinalmente ancorada. De modo geral, a diferença de posição não é resolvida e o antagonismo é apenas temporariamente dissolvido, sendo retomado posteriormente em outras interações, dado que encontra eco em valores consolidados socialmente por dados grupos. Não é diferente com o nosso *corpus*: ainda somos assolados, com significativa frequência, com posições favoráveis a tratamentos precoces, no seio dos quais a cloroquina está incluída, sem nenhuma comprovação científica e não raro com potencial risco à saúde daqueles que os adotam.

Isso posto, passemos aos procedimentos metodológicos de análise do *corpus* constituído a partir de interações argumentativas com traços erísticos tanto no vídeo quanto nos comentários publicados no YouTube da CNN Brasil.

⁴ Apesar disso, destacamos que nem sempre o jogo erístico se dá de maneira equilibrada em um diálogo argumentativo, pois é possível que algum dos argumentadores ofereça maior resistência a enquadrar seu comportamento verbal a esse padrão, adotando posturas mais condizentes com o que se espera de um efetivo diálogo persuasivo.

3 Percorso metodológico de análise do *corpus*

Neste artigo, analisamos dois tipos distintos de interação argumentativa erística que ocorrem no quadro Debate 360, do programa CNN 360, transmitido ao vivo pela CNN Brasil em seu canal de televisão e em seu canal no YouTube. No Debate 360, dois especialistas notoriamente reconhecidos por suas posições opostas entre si são convidados a discutir, em torno de 15 minutos, sobre um tema polêmico pautado pelos meios de comunicação. Trata-se de um formato de debate curto, com um número reduzido de trocas argumentativas, em que os mediadores controlam a palavra dos debatedores, para garantir o mesmo tempo de exposição às duas posições antagônicas.

Além da transmissão do programa ao vivo, cuja íntegra nem sempre permanece disponível na rede social,⁵ a CNN Brasil publica o Debate 360 em seu canal do YouTube, corroborando a repercussão da polêmica nessa rede social, uma vez que a permanência do vídeo do debate nesse ambiente digital estabelece um espaço de continuidade da discussão, pois, ainda que a ferramenta “chat ao vivo” não esteja mais disponível para interação com os usuários, a ferramenta “comentários” é mantida ativada, oferecendo uma abertura da rede para produção de conteúdos por usuários comuns no ambiente de interação, em que os consumidores da informação também podem atuar como produtores de conteúdos no ambiente digital (GOMES, 2011, p. 20). Segundo Barton e Lee (2015, p. 60), “a seção de comentário é o principal espaço de escrita interativa do site”, pois os “comentários do YouTube aparecem abaixo do vídeo” e, “tal como acontece com os vídeos, os comentários podem também ser avaliados por usuários (votar a favor ou contra)”. Assim, podemos analisar a interação que ocorre nessa rede social entre os discursos dos usuários, que podem ser ou não endereçados a outros usuários produtores de comentários.

Esse objeto de estudo coloca-nos diante de um caso de interação digital que oferece ao usuário do YouTube dois tipos de interação argumentativa erística: (1) a interação estabelecida entre os mediadores e os debatedores convidados pelo programa e (2) a interação ocorrida entre os usuários que podem ler, avaliar (“curtir” ou “não curtir”) e publicar comentários sobre o debate desenvolvido em torno da questão argumentativa apresentada pelos mediadores do debate. Esse tipo de

⁵ Burgess e Green (2018) relatam as origens do YouTube como plataforma de compartilhamento de vídeos e sua posterior transição para rede social.

debate curto inserido na programação de um telejornal colabora para a reprodução da polêmica estabelecida entre o discurso e o contradiscurso que se desenvolvem a partir de uma dada questão argumentativa enunciada pelo veículo de comunicação, cuja tematização também é uma resposta a outros discursos que circulam socialmente em torno de determinada polêmica.

Desde o início de 2020, a pandemia de covid-19 no Brasil impôs ao poder público e à sociedade civil o desafio de superar a crise sanitária e socioeconômica que se agravou sobremaneira graças à ação negacionista do presidente da República, cujas declarações e pronunciamentos são fontes de crimes de responsabilidade, circulação de *fake news* e polêmicas distracionistas que ocupam a pauta midiática. Nesse turbulento contexto, o ministro Nelson Teich resistiu, por 29 dias, à pressão exercida pelo presidente da República para inserir o uso da hidroxicloroquina no estágio inicial da doença, até entregar seu cargo no dia 15 de maio de 2020, aprofundando ainda mais a crise sanitária e política no Brasil. Logo após a demissão do ministro, a CNN Brasil realiza o debate entre o médico infectologista Marcos Boulos e o virologista Paolo Zanotto, convidados justamente por defenderem publicamente opiniões opostas em relação ao uso da hidroxicloroquina no tratamento de infectados pelo Sars-Cov-2.

Para analisar as interações argumentativas erísticas ocorridas no debate e nos comentários relativos a ele, constituímos um *corpus* a partir de excertos erísticos presentes nas doze intervenções argumentativas do debate e em uma cadeia com nove comentários, selecionada de um total de 1.281 comentários.

3.1 Procedimentos metodológicos para a análise do debate transmitido pelo YouTube

Os métodos de pesquisa visual estão se tornando cada vez mais importantes para os estudos em diferentes áreas do conhecimento, pelo fato de o vídeo ter se tornado um instrumento poderoso para observar as interações sociais (KNOBLAUCH; SCHNETTLER, 2012). Existem diversos métodos para a análise de dados de vídeo, desenvolvidos principalmente nos últimos anos, mas, neste trabalho, optamos por compor uma análise que irá se restringir à interpretação das interações verbais em que os participantes estejam mobilizados por uma questão polêmica. Para tanto, articulamos o contexto conversacional e os recursos argumentativos, a fim de compreender como a argumentação erística pode ocorrer em circunstâncias marcadas por regras explícitas de participação.

Então, para realizar essa articulação, procedemos à descrição de todas as doze intervenções dos debatedores e dos mediadores e, posteriormente, à transcrição dos excertos marcados pela dicotomização das oposições com traços da argumentação erística.

Nas transcrições, incluímos tanto as manifestações verbais quanto as visuais, quando compõem o desacordo argumentativo, já que “a oposição a uma intervenção pode ser verbal (‘não concordo’) ou paraverbal” (PLANTIN, 2008, p. 67).

Assim, transcrevemos as interações verbais dos excertos selecionados, utilizando uma adaptação das normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, conhecido como Projeto NURC (QUADRO 1), porque, na argumentação erística, o reforço do desacordo e o acirramento do conflito estabelecido entre os participantes da interação, mesmo em situações previamente planejadas e controladas por mediadores, deixam-se entrever por meio de algumas manifestações de contradição conversacional, tais como tentativas de assalto de turno, surgimento de sobreposições entre os turnos, aceleração da elocução, elevação do tom de voz, emissão de reguladores negativos verbais ou não (como balançar negativamente a cabeça, suspiros de impaciência etc.).

QUADRO 1 – Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Entonação enfática	em maiúsculas
Prolongamento de vogal ou consoante	:: podendo aumentar para ::::
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((em minúsculas))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	-- --
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá
Números	por extenso

Fonte: Adaptado de Preti (2003, p. 13-14).

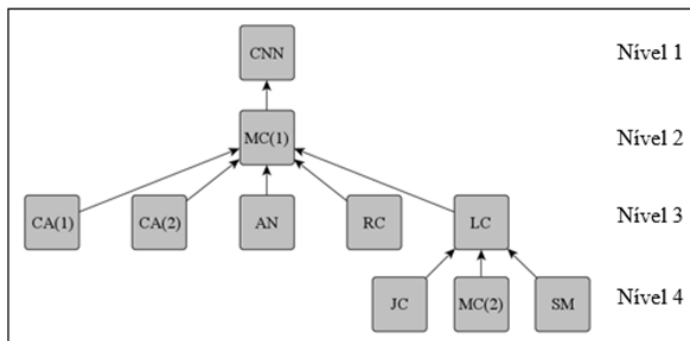
E, no caso em que intervenções paraverbais colaboram diretamente com o desenvolvimento da interação argumentativa, descrevemos as manifestações gestuais relativas ao momento da participação corporal.

3.2 Procedimentos metodológicos para a análise das cadeias de comentários

Propomos, a partir dos pressupostos de uma perspectiva interacionista sobre argumentação, que o recorte de *corpora* para análise de diálogos argumentativos realizados por meio de comentários em ambientes digitais seja realizado com base na aplicação de três critérios: o estrutural, o tópico e o opositivo, nesta exata ordem. A depender dos objetivos da pesquisa, critérios ulteriores podem ser propostos a partir do terceiro; é, por exemplo, o que faremos neste artigo, tendo em vista o foco na argumentação erística.

Pelo primeiro critério (estrutural), selecionamos apenas sequências de comentários estruturadas como cadeias, ou seja, comentários em que os usuários da rede social explicitamente respondem a outros comentadores – seja clicando no botão RESPONDER, seja marcando outro usuário por meio da forma @nome –, de modo a dar origem a um conjunto de respostas que a plataforma interpreta como uma conversa delimitada, que pode ser reconstruída por meio de um grafo (FIGURA 1). No grafo, os comentários de cada internauta são representados por nós (quadriláteros ou círculos) identificados – no caso, valemo-nos das duas iniciais maiúsculas representativas do nome assumido por eles na rede social – e por arestas direcionadas, cuja origem está no enunciado-resposta, e o destino, no enunciado a que a resposta se dirige. Quando o mesmo internauta interage mais de uma vez na cadeia, podemos incluir uma numeração entre parênteses – (1), (2), (3) e assim por diante –, que representa cada uma de suas intervenções na ordem em que são realizadas. O grafo deve ser lido verticalmente de cima para baixo e horizontalmente da esquerda para direita, procedimento que permite recuperar a temporalidade dos comentários, aspecto fundamental em uma perspectiva que leva a sério a dinâmica da interação para a análise argumentativa.

FIGURA 1 – Grafo ilustrativo de uma cadeia de comentários



Fonte: Elaboração própria.

Vemos, portanto, que as cadeias apresentam diversos níveis:

- ocupa o nível 1 o texto que motiva as discussões localizadas dos internautas; no caso, trata-se do vídeo do Debate 360 da CNN;
- o nível 2 é ocupado pelo comentador que decide tratar de algum aspecto do vídeo – que pode envolver não só o conteúdo propriamente dito, como também seus autores, produtores ou apresentadores, dentre outras possibilidades –, seja para elogiar ou ratificar, questionar ou complementar, criticar ou ofender;
- o nível 3 já é composto por comentadores que se envolvem em um diálogo provocado pelo primeiro comentador, respondendo a ele; a partir deste nível, todos os comentários são exibidos na rede social com um recuo à esquerda, que assinala o início de uma conversa delimitada, ou seja, da cadeia de comentários em si;
- o nível 4, por sua vez, abarca quem dialoga com os comentadores de nível 3; o nível 5, com os comentários de nível 4; e assim por diante. A partir do nível 4, é necessário que o usuário, além de clicar em RESPONDER, marque outro comentador para explicitar a quem ele está respondendo, uma vez que a rede social não adensa os recuos à esquerda para delimitar o aprofundamento dos níveis de interação.

De modo geral, o teor de engajamento vai diminuindo ao longo dos níveis – o que pode ser observado, dentre outros fatores, pela redução no número de curtidas – até a cadeia sofrer um esgotamento tópico. Toda a cadeia é, então, delimitada pelo YouTube como um bloco. Quando entramos em uma página de um vídeo para ler os comentários, só conseguimos visualizar, inicialmente, o segundo nível (o comentador que responde diretamente ao vídeo); para ver os outros níveis, precisamos clicar em um botão azul com o seguinte conteúdo: *Ver n respostas* (em que *n* consiste no número de comentários de terceiro nível em diante que constituem a cadeia).

Excluimos de nosso *corpus* todos os comentários que não configuraram uma cadeia (ou conversa delimitada), pois nos interessa justamente compreender como se dá a interação entre os espectadores⁶ do vídeo e como eles argumentam entre si quando explicitamente se colocam na posição de participantes de uma discussão subsidiária a esse mesmo vídeo, em que os atos de defender e justificar, atacar e criticar, bem como explicar são constantemente instanciados na relação que os comentadores estabelecem entre si e entre o que enunciam nos variados níveis da cadeia.

Pelo segundo critério (tópico), recortamos apenas cadeias em que fosse possível realizar uma clara delimitação em termos de contração tópica (JUBRAN, 2011); em outros termos, a cadeia precisa apresentar “um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN *et al.*, 1992, p. 361). Nesse sentido, excluimos da seleção cadeias em que vários tópicos distintos eram discutidos, característica que sinaliza descontinuidade tópica interna, o que, em tese, configura um uso não prototípico da ferramenta de resposta da própria rede social YouTube.

E, pelo terceiro critério (opositivo), apenas incluímos no *corpus* cadeias de comentários com contração tópica nas quais é possível depreender oposição de pontos de vista quanto a algum aspecto concernente à questão argumentativa que pauta o vídeo, partindo assim de um princípio fundamental das perspectivas interacionistas (GRÁCIO, 2010; PLANTIN, 2008): a oposição entre pontos de vista, sua tematização e perspectivação mediante uma dada questão.

⁶ Assumimos que, tipicamente, os comentadores tendem a ser espectadores do vídeo.

A partir desse entrecruzamento, consideramos, para os objetivos específicos deste artigo, um quarto critério: as cadeias opositivas precisavam apresentar traços erísticos, conforme proposta de caracterização discutida na seção anterior com base em Walton (1998), van Laar (2010) e Dascal (1998). Como nosso arquivo é extenso e devemos levar em conta as restrições de espaço de um artigo, optamos por analisar apenas uma cadeia de nove comentários, em que diferentes fenômenos de argumentação erística se manifestavam, a fim de mostrar, por um lado, a pertinência do modelo analítico que estamos discutindo e, por outro, iniciar uma discussão sobre as formas de construção do erístico em interações digitais no Brasil contemporâneo.

Em termos do procedimento analítico propriamente dito, a análise da argumentação procura manter a temporalidade dos comentários, partindo do nível 2 até o nível 4, considerando a ordem das intervenções (da esquerda para a direita no grafo). São analisadas tanto as relações que os comentários de nível inferior estabelecem com o superior em termos de atos argumentativos de apoio, refutação, concessão, justificação, explicação, dentre outros, quanto entre os comentários de mesmo nível, em termos da formação de coalizões argumentativas em torno de uma mesma posição e da possibilidade de confrontação entre os participantes. Além disso, seguindo o princípio de que o que se argumenta em um nível inferior estabelece relações com a argumentação dos níveis superiores e vice-versa, sempre buscamos verificar em que medida os enunciados-resposta se relacionam com as posições e os argumentos levantados no vídeo sobre a eficácia ou ineficácia da cloroquina e sobre sua aplicação ou não como tratamento no Brasil, discussões que estão correlacionadas no vídeo e nos comentários. Nesse processo, chamamos atenção, em termos de categorias analíticas, para: (1) os esquemas argumentativos utilizados; (2) os atos de fala de (im)polidez; (3) os recursos léxico-gramaticais selecionados; (4) os operadores argumentativos.

Isso posto, passamos à análise do vídeo.

4 Análise

4.1 Análise das interações argumentativas no Debate 360 da CNN Brasil

Com o título “Debate 360: Médicos divergem sobre eficácia da cloroquina para tratar Covid-19”, o programa da CNN Brasil tematiza

a polêmica entre o presidente e o seu ministro da saúde, reproduzindo o posicionamento do presidente ao assumir em seu título “eficácia da cloroquina”, sendo que havia a possibilidade de enunciar “ineficácia da hidroxicloroquina”, posição do ministro em consonância com os estudos coordenados pela Organização Mundial da Saúde. Previamente ao início do debate, já está dado o posicionamento discursivo implicitamente reproduzido pelo programa Debate 360.

O programa completo tem duração de 17’52” e é composto por turnos argumentativos que são orientados pelos dois jornalistas responsáveis pela mediação do debate entre o infectologista Marcos Boulos, que integra o Comitê de Contingenciamento do Coronavírus em São Paulo, e o virologista Paolo Zanotto, professor da Universidade de São Paulo. Trata-se de uma interação argumentativa do tipo debate, que se decompõe em três sequências: sequência de abertura (0’-1’59”); corpo da interação (2’02”-14’40”); sequência de conclusão (14’42”-17’52”), conforme Kerbrat-Orecchioni (2006). O processo de troca de falantes do Debate 360 é gerenciado pelos mediadores – no caso, os jornalistas Daniela Lima e Evandro Cini – que controlam o tempo de intervenção de cada debatedor, operam a passagem de turno por meio de (1) assaltos ao turno, quando um debatedor deixa de colaborar não sinalizando a passagem do turno, e (2) endereçamento de perguntas, que pode ser uma questão comum aos dois debatedores ou uma reformulação do discurso de um debatedor apresentada ao outro debatedor como pergunta. Assim, uma mesma questão é apresentada aos debatedores – no caso, os médicos Marcos Boulos (MB) e Paolo Zanotto (PZ) –, que a respondem alternadamente, produzindo os turnos argumentativos.

Examinemos a sequência de abertura.

Na intervenção 1, a jornalista Daniela Lima (DL) anuncia a saída do ministro antes de propor a questão aos convidados e insiste que o uso da cloroquina seria o principal motivo para a substituição de dois ministros em menos de um mês. Inicialmente, a jornalista apresenta a seguinte questão argumentativa que servirá de referência para as intervenções dos debatedores:

Doutores, é viável, é recomendável o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com sintomas leves da covid-19, ainda no início da manifestação da doença? Isso está amparado no que a gente tem de estudo no Brasil hoje? (1’40”-1’59”).

Tematizar a questão “É viável, é recomendável o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com sintomas leves da covid-19?”, no dia em que o Brasil trocava o segundo Ministro da Saúde, reproduz uma polêmica que se configura em função de uma polarização não apenas médica, mas política, estabelecida em âmbito nacional. Em outros termos, perguntar se é viável o uso da cloroquina, no contexto na demissão do ministro da saúde, é uma forma de escamotear a pergunta sobre se quem tem razão na polêmica é o presidente ou o ministro e, logo, se a demissão é justa e, sobretudo, se a condução da política do presidente para o enfrentamento à pandemia está adequada. Assim que a questão é verbalizada, a mediadora passa o turno ao primeiro debatedor.

Passemos ao corpo da interação.

Paolo Zanotto inicia sua fala (intervenção 2) agradecendo o convite para compor o Programa (2’02”). Em seguida, em resposta à questão argumentativa apresentada pela mediadora do debate, propõe fazer uma distinção entre o uso de cloroquina, que considera ineficaz no uso terapêutico em pacientes afetados pelo Sars-Cov-2, e o uso da hidroxicloroquina, que é defendida pelo fato de já ter sido estudada desde 2003. No entanto, segundo o virologista, há condições específicas para o uso desse medicamento, por isso ele começa a descrever em quais circunstâncias o produto deveria ser utilizado. Inicialmente, destaca que o uso equivocado desse medicamento na China (administrado em fase tardia do processo da doença), por exemplo, gerou uma rejeição quanto ao seu uso e o desconhecimento das vantagens de sua administração. Conforme Zanotto, a hidroxicloroquina é recomendada entre os dias 2 e 4 do aparecimento dos sintomas, quando combinada com a azitromicina e o zinco. Justifica sua afirmação com base em trabalhos cujos autores são citados nominalmente, bem como os países em que os experimentos foram realizados.

QUADRO 2 – Transcrição do excerto da intervenção 2 de Paolo Zanotto

1	PZ	(...) de uma certa forma a gente tá ... a gente tá vendo
2		que isso não é mais um grande problema:: porque vários
3		países do mundo já tão utilizando ... esse protocolo como
4		por exemplo ... em Bahrein [...
5	DL	ahn ahn
6	PZ	Emirados Árabes Unidos o Senegal ... tem um colega
7		meu lá que é o encarregado éh:: do do do trabalho no
8		Senegal eles tiveram oito mortos só lá ... Índia [...
9	DL	certo
10	PZ	a França a partir dessa semana a Espanha a Itália [...
11	DL	doutor
12		deixa [...
13	PZ	a Costa Rica Malásia [...
14	DL	perfeito
15	PZ	a Rússia então ... basicamente isso já é uma realidade
16		sendo utilizada em vários países do mundo ... em vários
17		éh:: hospitais do Brasil [...
18	DL	perfeito
19	PZ	e por vários médicos

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (4'11-4'57").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

No trecho transcrito, Paolo Zanotto compõe sua resposta apresentada à questão argumentativa com base em um conjunto de enumerações que integra o corpo das interações. Após a citação de pesquisadores conhecidos por ele e, provavelmente pelo outro médico, faz a enumeração de países que passaram a usar o protocolo descrito anteriormente, destaca o baixo número de casos no Senegal, local que também aplicaria protocolo, reforça tal uso com a repetição da palavra “vários” diante de países, hospitais e médicos, constituindo uma argumentação apoiada nos lugares da quantidade, “[...] os lugares-comuns que afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 97). Ressaltamos que a quantidade de artigos citados é grande e que a enumeração é bem rápida, o que dificulta a possibilidade de confirmação das informações apresentadas, tornando as afirmações críveis pela confiança no argumentador, não em função da confirmação dos dados construídos ao longo do discurso.

Desde o trabalho de Aristóteles, sabe-se que, nesse tipo de argumentação, o lugar da quantidade constitui uma premissa maior subentendida, que encaminha para uma certa conclusão; no caso: o benefício observado em um maior número de lugares e situações aplica-se a casos particulares que passem a fazer uso de tal protocolo. Assim, a superioridade é admitida com base no maior número.

Embora, nessa parte do debate, a função declarada verbalmente pela mediadora seja a de controlar os tempos de participação e garantir a igualdade de tempo para ambos os médicos, dois aspectos merecem destaque: o segundo mediador, Evandro Cini, balança afirmativamente a cabeça, indicando concordância com as explicações de Zanotto. Além disso, Daniela Lima, enquanto tenta interromper Paolo Zanotto para passar o turno para Marcos Boulos, faz duas tentativas de assalto ao turno utilizando a palavra “perfeito” e, quando consegue, inicia sua fala com outro “perfeito”. E, ao realizar seu turno (intervenção 3), para passar a palavra ao médico Marcos Boulos, reformula o discurso de Zanotto apagando o que ele diz sobre a ineficácia da cloroquina e o apoio ao uso de um protocolo que combina três medicamentos, para, em seu lugar, recuperar apenas a defesa do uso da cloroquina combinada com outros medicamentos, em pacientes com sintomas iniciais da covid-19 (QUADRO 3).

QUADRO 3 – Transcrição da intervenção 3 de Daniela Lima

20	DL	perfeito doutor ... eu vou tentar aqui eu preciso
21		interromper os senhores algumas vezes quando os
22		senhores se alongam porque eu preciso garantir uma
23		igualDAde de TEMpo de FAla ... para os dois ...
24		médicos - - agora vamos ouvir o doutor Marcos Boulos
25		... pode pegar de onde o seu colega éh deixou ele acha
26		que já não há mais... polêmica no uso ... da cloroquina
27		com outros medicamentos ... no início ... da doença

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (4'57''-5'21'').

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Na intervenção 3, a mediadora utiliza a entonação enfática (“igualDAde de TEMpo de FAla”) para lembrar sua responsabilidade por zelar pela igualdade de tempo dos participantes antes de, por meio de uma interrupção lexical, passar a palavra para o doutor Boulos. Assim, na segunda parte do excerto, notamos que Daniela Lima faz uma síntese que altera as palavras e o posicionamento de Paolo Zanotto, visto que ele

reconhece a ineficácia da cloroquina e defende o uso de hidroxicloroquina combinada com azitromicina e zinco. Ela diz: “ele acha que já não há mais polêmica no uso da cloroquina com outros medicamentos no início da doença” (linhas 25-27). Desse modo, ocorre uma reformulação que reproduz o posicionamento do presidente da República e, ao mesmo tempo, serve como um resumo deixado pela mediadora (“pode pegar de onde o seu colega deixou”) ao segundo debatedor que irá iniciar seu turno argumentativo. Diante de tais condições de produção discursiva, Marcos Boulos opta por demarcar claramente a dicotomização das oposições perante a questão (QUADRO 4).

QUADRO 4 – Transcrição da intervenção 4 de Marcos Boulos

28	MB	é ... não existe polêmica porque ela não é indicada
29		mesmo ... né? é esse é que é o problema ... não existe...
30		todos os trabalhos mais recentes ... mostram que
31		cloroquina não é medicamento que atua de maneira
32		persistente contra o vírus
33		NO paciente ... o que nós temos que lembrar nós temos
34		que lembrar
35	PZ	((balança a cabeça negativamente e mostra o dedo
36		indicador fazendo um gesto de não))
37	MB	que vírus de um modo geral é a a reação do ...
38		medicamento para vírus não é um medicamento
39		disponível com facilidade ... existem muitos... a
40		necessidade de muitos trabalhos controLAdos para você
41		ver não só a eficácia como como as pessoas reagem a
42		esses medicamentos ... trabalhos recentes realizados
43		também mostram que quando se usou a
44		hidroxicloroquina em doses mais altas foi muito lesivo
45		tendo que ser interrompido o trabalho por causa de mor/
45		por ter aumentado o número de mortos ... eu acho que
46		neste momento doenças com vírus como esta ... elas
47		têm que ser tratadas como sintomáticos ... a
48		azitromicina é um antibiótico não atua no vírus ... é o o
49		o caso da da cloroquina ela não é nem antiviral nem
50		antibacteriano ... é imunomodulador ... ele não deve ser
51		utilizado de rotina em doenças com vírus NESTe
52		moMEnto enquanto não tenham traBALhos que
53		mostram um duplo controle que mostram a eficácia
		garantida desse tipo de medicamento

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (5'26-6'35").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Embora Zanotto tenha defendido o uso de um conjunto de medicamentos no tratamento precoce dos infectados pelo Sars-Cov-2, Boulos abre seu turno argumentativo (intervenção 4) com uma refutação à reformulação-síntese apresentada pela mediadora (linhas 25-27), exacerbando a dicotomização das oposições, ao dizer que não existe polêmica porque a cloroquina não é indicada para o tratamento da covid-19 (linhas 28-29). Enunciar a não legitimidade da polêmica com base na validade de suas próprias razões é uma forma de o debatedor atribuir a si a vitória na disputa e desqualificar os argumentos do outro. Contudo, Boulos não faz ataque à pessoa ou desqualificação do adversário, mas sim refutação aos argumentos.

Boulos questiona a polêmica, mas está no jogo da interação argumentativa, por isso passa a apresentar suas razões para justificar seu ponto de vista. Afirma categoricamente que estudos mais recentes não indicam a cloroquina no tratamento de pacientes contaminados pela covid-19 e utiliza a prosódia enfática para destacar a necessidade de “trabalhos controLAdos” para “doenças com vírus NESTe moMEnto” da pandemia (fase inicial).

Diferentemente de Zanotto, que argumenta pelo lugar da quantidade, apresentando grande volume de informações para o pouco tempo de debate, Boulos confronta o posicionamento de Zanotto (intervenção 2) e o da mediadora (intervenção 3), questionando a “virtude do número” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 100). Argumenta, portanto, que as pesquisas confiáveis precisam considerar as reações dos pacientes e a evolução dos experimentos (alguns estudos precisaram ser interrompidos), além de comparar os resultados entre os pacientes (“duplo controle”) ao longo de um tempo, para comprovar a eficácia do uso da cloroquina, o que permite defender a não utilização do medicamento em nenhuma fase da apresentação de sintomas. Na troca, essa estratégia argumentativa tem o efeito de relativizar o valor positivo atribuído ao grande volume de trabalhos elencados. Essa estratégia articula-se com a refutação da alegação do outro debatedor, pois refutar o volume de argumentos apresentados não pelo lugar da quantidade mas pelo lugar da qualidade funciona como argumentação por etapas, ou seja, é uma preparação para a refutar a tese “há muitos trabalhos que garantem o sucesso do medicamento” com a tese “esses trabalhos não são pesquisas com duplo controle, portanto não mostram a eficácia desse medicamento” (linhas 50-53).

Diante das declarações iniciais de Boulos, Zanotto reage imediatamente e passa a emitir reguladores negativos paraverbais, balançando a cabeça negativamente e apontando o dedo indicador para a tela em sinal de discordância total (linhas 33-36), enquanto Boulos sustenta sua intervenção, configurando aí uma superposição de turno. São apenas três segundos de manifestação gestual para se opor ao que estava sendo defendido por Boulos, mas é o suficiente para marcar o desacordo. E essa superposição de fala é retomada pelo mediador Evandro Cini (QUADRO 5), ao verbalizar o desacordo discursivizado gestualmente por Zanotto.

QUADRO 5 – Transcrição da intervenção 5 de Evandro Cini

54	EC	doutor éh Paolo ... a gente percebeu aí durante o início
55		da fala do doutor Marcos Boulos que você já sinalizou
56		né como se fosse ali contrário aquilo ... o porquê disso?

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (6'35"-6'45").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

O mediador, quando diz a palavra “sinalizou” (linha 55), repete o gesto do indicador para indicar negatividade (em 6'41”), marcando a dicotomização das oposições antes de fazer a passagem do turno ao outro debatedor, o que é realizado logo após uma pausa que introduz a pergunta à qual Zanotto deve responder. Na abertura do novo turno argumentativo (Quadro 6), Zanotto desconsidera os argumentos reunidos por Boulos e aproveita a pergunta do mediador para promover o descrédito de seu oponente.

QUADRO 6 – Transcrição do excerto da intervenção 6 de Paolo Zanotto

54	PZ	porque ele está totalmente equivocado... éh:: por
55		exemplo ele acha que a azitromicina funciona como um
56		antibiótico no caso da ... da replicação do covid ... do
57		do coronavírus quando na verdade a azitromicina está
58		fazendo um <i>shut down</i> mitocondrial ... e a
59		hidroxicloroquina é muito bem estudado já DESde 2003
60		qual é o impacto dela antiviral na questão da ... da ...
61		dos coronavírus ... dos alfavírus ... dos flavivírus ...
62		inclusive de <i>influenza</i> ... quer dizer eu acho que eu eu
63		gosto muito do Marcos mas ele tá desinformado ... eu
64		vou passar para ele uma lista de mais de trinta e cinco
65		trabalhos quando encerrar isso aqui para que ele se
66		informe e leia ... e depois é o seguinte ... eu falei ah no
67		início de que haviam vários trabalhos sendo publicados
68		recentemente sobre o uso precoce de fato eu vou passar
69		todos eles para ele ... e agora ele fez uma afirmação aí
70		totalmente equivocada também ... ele falou que o uso ...
71		em doses altas ... é da hidroxicloroquina causou mortes
72		... SIM, Marcos, causou mortes porque as pessoas em
73		Manaus usaram doses letais de cloroquina sem o total
74		respeito pelo que foi determinado em 1988 pelo Runne
75		U mostrando que a dose letal é cinco gramas éh:: de
76		hidroxicloroquina ... eles administraram de sete a doze
77		... então é por isso que as pessoas morreram Marcos ...
78		então isso tudo é importante que seja bem colocado pro
79		público ... e tem outro fator essencial para o que ele tá
80		falando ... a maior parte dos trabalhos que ele tá citando
81		... são trabalhos que foram feitos ... com pacientes
82		... tardios na infecção onde a eficácia de antivirais
83		favipiravir kaletra ... remdesivir ... até a ivermectina são
		éh questionáveis ...
84	EC	doutor Paolo ((em 8'50"))
85	PZ	isso vale não só para a hidroxicloroquina mas pra
86		qualquer antiviral

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (6'46"-8'55").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Na intervenção 6, o diálogo erístico está configurado logo no início a partir da afirmação de que Boulos está “totalmente equivocado”, o que configura uma atitude fechada, conforme Walton (1998), que rejeita aceitar os argumentos do outro colega, o que exigiria admitir

que estava incorreto desde o início de sua participação. Notamos que algumas expressões marcam a negação dos argumentos alheios ao longo da intervenção 6: “está totalmente equivocado” (linha 54), “ele tá desinformado” (linha 63), “vou passar uma lista de mais de trinta e cinco trabalhos [...] para que ele se informe e leia” (linhas 63-65), “afirmação totalmente equivocada também” (linhas 69-70). Há uma única afirmação amistosa: “eu gosto muito do Marcos” (linhas 62-63), que vem acompanhada de um “mas ele tá desinformado” (linha 63), marcando após o uso do operador argumentativo “mas” a ideia que se pretende reforçar.

Podemos considerar um ato de fala de impolidez direta⁷ o fato de Zanotto chamar explicitamente um colega, em rede nacional, de desinformado e de alguém totalmente equivocado. Tais expressões atribuídas a um profissional que integra o Comitê de Contingenciamento do Coronavírus de São Paulo constituem uma forma de ataque à imagem do outro, não apenas um modo para expressar o desacordo em relação a suas ideias, o que colabora para a estratégia de descrédito do outro, cujo efeito argumentativo é torná-lo incapaz aos olhos de parte dos espectadores, desqualificando aquilo que ele diz como não merecedor de atenção.

Ademais, Zanotto sustenta sua preferência pelo lugar da quantidade ao afirmar existir muitos trabalhos científicos que reforçam a posição dele (mais de 35), mas essa estratégia serve para reforçar o quanto o adversário na discussão está desinformado em relação ao valor de seus posicionamentos.

⁷ Com base em Brown e Levinson (1987) e na releitura que Culpeper (1996, 2005) faz das estratégias de polidez dos primeiros para aplicá-las no domínio da impolidez, Culpeper e Hardaker (2017) propõem uma subdivisão dos atos de impolidez em duas macrocategorias: as superestratégias e as metaestratégias. As superestratégias inspiram-se diretamente no trabalho de Brown e Levinson (1987) e são subdivididas em: atos de fala de (1) impolidez explícita (*bald on record*), (2) de impolidez positiva, (3) de impolidez negativa, (4) de impolidez indireta e (5) de retenção de impolidez; as metaestratégias são reduzidas ao sarcasmo/falsa polidez. Para detalhes, cf. Culpeper e Hardaker (2017); para uma visão geral das teorias da impolidez/descortesia e suas relações com a argumentação, ver Albarelli (2020). A impolidez direta refere-se a ataques à face positiva do outro, ou seja, à sua fachada, à sua reputação e credibilidade, ao seu desejo de ser aprovado socialmente.

Observamos também a configuração de um jogo performado diante de um auditório – “isso tudo é importante que seja bem colocado pro público” (linhas 77-78) –, ou seja, Zanotto não se preocupa apenas em opor-se em relação às posições de Boulos, mas quer que seus argumentos sejam bem compreendidos pelo público da CNN Brasil. A grande quantidade de pausas presente no excerto não rompe o contínuo da fala, mas a desacelera, fazendo-a “durar” mais, ou seja, configura-se uma fala que gradativamente lista os conhecimentos do virologista acerca do assunto em questão.

Notamos ainda um esforço de Zanotto para construir uma imagem de razoabilidade, conforme Van Laar (2010), uma vez que em três momentos distintos ele assente frente a algumas afirmações do colega – “sim, Marcos, causou mortes” (linhas 71-72), “as pessoas em Manaus usaram doses letais de cloroquina” (linhas 72-73), “as pessoas morreram” (linha 77). Contudo, trata-se de uma simulação de razoabilidade combinada a uma assertividade retórica, visto que Zanotto coloca lado a lado, em posição de equilíbrio, o que pode ser admitido como fato e os erros que provocaram cada uma das situações descritas, corroborando sua postura de médico sério, estudioso, competente, porque segue as mais recentes recomendações.

A recorrência de Zanotto aos trabalhos científicos publicados em torno do uso da hidroxicloroquina no início da manifestação dos sintomas de covid-19, quando utilizada a dosagem correta; o esforço em contrapor cada um dos argumentos apresentados por Boulos (QUADRO 4) e o detalhamento das explicações acerca de cada um dos medicamentos citados por ambos (QUADRO 6), configuram uma disputa (DASCAL, 1998), na qual Zanotto se esforça não apenas em esclarecer e orientar o público, mas em vencer o debate, ou seja, em ser reconhecido como aquele que tem sapiência e entende, como poucos, a questão colocada inicialmente pelos jornalistas. Esse é o tipo de reconhecimento que pode gerar adesão ideológica e atitudinal em relação ao uso da cloroquina, como observamos na análise dos comentários na seção 4.2.

Na continuidade, o mediador passa o turno para Boulos, que constrói uma contra-argumentação ao discurso de Zanotto, pois, além de refutar seus dados e desqualificar sua imagem e a do presidente da República, oferece outro ponto de vista ao espectador do debate. A intervenção 8 ocorre entre 9’08”-10’39”, mas transcrevemos (QUADRO 7) apenas o excerto marcado pela argumentação erística.

QUADRO 7 – Transcrição de excerto da intervenção 8 de Marcos Boulos

87	MB	(...) são trabalhos muito / que vão demorar muito tempo
88		/ os trabalhos que éh éh / - - eu também tenho claro /
89		isso não é um debate para discutir quem quem tem
90		razão ou não () - - as principais revistas médicas do
91		mundo têm mostrado éh que os trabalhos ultimamente
92		descreditavam a cloroquina no tratamento de pacientes
93		com coronavírus como qualquer doença por vírus (...)
94		(...) tanto é que veja todas as grandes () associações
95		médicas dos países do mundo não não () aceitam o uso
96		desse medicamento ... quem tem usado mais quem tem
97		falado mais são pessoas de laboratório que não têm
98		contato com paciente ou principalmente pessoas que
99		não entendem de saúde de medicina como o presidente
100		e outras pessoas mais, não é?

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (9'41''-10'39'').

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Basicamente, o esquema argumentativo da contra-argumentação de Boulos consiste em:

- Dado: a covid-19 é uma doença nova;
- Lei de passagem: estudos de medicamentos para doenças novas, com seres humanos, levam tempo para obter resultados satisfatórios;
- Alegação: (é muito pouco provável) que já existam medicamentos comprovadamente eficazes para tratar a doença.

Esse contra-argumento de Boulos desenvolve-se em quatro etapas: (1) explicação do procedimento da pesquisa clínica com medicamentos e seres humanos, reforçando a imagem de especialista de Boulos anteriormente desqualificada por Zanotto; (2) menção à existência de estudos clínicos que refutam os dados de Zanotto; (3) inserção de comentário (linhas 88-90), para sustentar sua argumentação pela qualidade em oposição à quantidade e assumir nesse momento o papel actancial do Terceiro, afirmando que tal debate é contraproducente diante da necessidade de construir soluções para a crise, o que busca encerrar a disputa pelas citações e oferecer outro ponto de vista ao debate; (4) construção do argumento pelo modelo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 413-419), apresentando, como modelo a ser seguido, as associações médicas que não aceitam o uso desse medicamento e, como

antimodelo a não ser seguido, pessoas que não entendem de saúde como o presidente (linhas 94-100), desqualificando, indiretamente, seu oponente.

Em seguida, Daniela Lima (intervenção 9) passa a palavra para Paolo Zanotto, mas, desta vez, não emite comentário acerca da fala precedente. Zanotto, então, sustenta sua argumentação de que falta informação a Boulos, citando situações observadas no Arizona (EUA), a posição da *American Association of Physicians and Surgeons* e outros trabalhos acadêmicos, para ilustrar a regra de que Boulos desconhece as ações em curso mundo afora. Esse tipo de argumentação pelo acúmulo de dados promove a percepção de que a contra-argumentação de Boulos é insuficiente, atribuindo-lhe a imagem de debatedor despreparado para o debate, o que valoriza a imagem e o posicionamento de Zanotto.

Ao voltar a receber a oportunidade de participação, Boulos insiste que uma investigação confiável precisa comparar um grupo de pacientes que recebeu a medicação com outro que não a recebeu, e isso não foi encontrado em nenhum dos trabalhos citados pelo colega. Reafirma que somente doenças virais, conhecidas por longa data, passam por estudos que desenvolvem medicamentos específicos para salvar vidas. Neste ponto, com base no ato de duvidar, começa a introduzir um olhar diferenciado para a questão proposta: ao invés de discutir o uso (ou não) da cloroquina, não valeria a pena pensar em alternativas para salvar pessoas? E, antes de finalizar sua penúltima participação, Boulos denuncia que alguns dos trabalhos citados pelo colega não apresentam confiabilidade (“alguns trabalhos não confiáveis que foram debatidos aqui”, 14’29-14’33), mas isso é totalmente desconsiderado tanto por Zanotto quanto pelos mediadores.

Por fim, a sequência de conclusão é introduzida pela mediadora (em 14’40”), que solicita a Zanotto a conclusão de sua intervenção. Ao retomar a posição inicialmente apresentada, o virologista insiste nos trabalhos conhecidos por ele que defendem o uso da hidroxicloroquina; contrapõe-se à necessidade de estudos com pessoas não tratadas, quando se trata de um fármaco conhecido há bastante tempo e insiste em propor que o colega se informe em relação ao que está acontecendo em todos os países que estão utilizando a hidroxicloroquina, a azitromicina e o zinco, por ser um número que cresce semanalmente, por isso se dispõe a mandar uma longa lista de artigos para Boulos.

A mediadora passa a palavra a Boulos, que, ao iniciar suas considerações finais, assume o papel actancial de terceiro e configura um outro viés para a questão: apesar do debate ser importante, o infectologista

insiste que não é a cloroquina que fará a diferença no combate à pandemia, visto que, ao observar o que está acontecendo no mundo, são as políticas públicas claras, com papéis bem definidos, que podem garantir uma linha de ação unificada, com isolamento social, que possibilite evitar o contágio pela doença. Afirma que isso é prioritário, pois todos os medicamentos têm uma atuação muito discreta depois da contaminação. Ao opor-se à visão do colega, ressalta que a discussão teórica, acadêmica, não salva vidas, por isso não é prioritária (mais uma vez Boulos é refutado por Zanotto, por meio do balanceio de cabeça para indicar negação).

Daniela Lima agradece aos médicos e encerra o debate. Apesar de, reiteradamente, a mediadora ressaltar que se preocupa em garantir o mesmo tempo de participação para ambos, Zanotto totalizou 8'12" de fala, enquanto Boulos 5'56". Também pudemos perceber que os mediadores participaram ativamente do debate ao sintetizar as ideias de um deles antes de passar ao outro ou ao introduzir um tópico na discussão sem que tenha sido escolhido pelo opositor. Essas atitudes mostraram que, em mais de uma ocasião, os mediadores assumiram o papel actancial de propositores que instigaram novas formas de confrontação de ideias.

Por se tratar de um debate circunscrito por uma questão polêmica, observamos que a argumentação erística foi concretizada em vários momentos, por meio de manifestações verbais e gestuais, apesar de haver esforços no sentido de manter a polidez. Mostramos que, nesse tipo de argumentação, não se observam mudanças no posicionamento dos adversários, por isso notamos que até o final do debate cada um dos médicos reafirma os argumentos do díptico inicial.

Passemos ao exame de como os usuários reagiram ao debate na área destinada aos comentários do público no YouTube.

4.2 A argumentação nos comentários

Conforme anunciamos na seção 3.2, na qual discutimos os procedimentos metodológicos para a análise dos comentários, debruçamo-nos nesta seção na descrição e na interpretação de uma cadeia de nove comentários sobre a questão da (in)eficácia da cloroquina no tratamento da covid-19, discussão essa que se mescla ao debate sobre a sua aplicação ou não como tratamento no Brasil. A interação começa com um comentário-disparador que obteve alto engajamento do público-espectador, com 132 curtidas. Vejamos o grafo (QUADRO 8) que representa a cadeia sob análise.

QUADRO 8 – Interação entre comentadores do vídeo

Usuário	Nível	Comentário	Curtidas
MC(1)	2	Tem artigo do pai do Boulos defendendo a segurança da hidroxicloroquina para GRÁVIDAS COM chikungunya e agr ele afirma ser negativo? HAHAHAH	132
CA(1)	3	Mas o que esperar de um homem que educou o filho pra ser um comunista invasor de propriedades alheias?? Quem confia num médico desse??	13
CA(2)		Esse homem é no mínimo um mau caráter.	9
NA		Sério que esse Dr. Boulos, é pai do candidato eterno a presidente Boulos, aquele que entra em inovações, para se apropriar de imóveis? kkkkkk Tá explicado.... Kakakakaka	6
RC		HIPÓCRITA... como todo esquerdista !	4
LC		A dose usada p tratar covid19 é 3 vezes mais alta que a dose usada regularmente. Isso aumenta as chances de efeitos colaterais severos e morte	1
JC		desculpe-me mas minha esposa usa essa medicação há 3anos na dosagem dada no 1º dia de tratamento da Covid, que é o dobro dos outros 4 dias. Estou me baseando na recomendação, que vejo na mídia, dada para os médicos, nesse momento.	4
MC(2)	4	não é. A dose é de 800 mg no primeiro dia e dps de 400 por 4 dias. Se informe. Do contrário fica evidente q mente descaradamente.	3
SM	4	vc está mal informada. Doses acima da prescrição foram usadas em um estudo criminoso que levou pacientes à morte apenas para desacreditar o remédio. As dosagens recomendadas para pacientes com a praga chinesa NÃO excedem a dosagem máxima permitida. E a hidroxicloroquina PRECISA ser associada ao zinco para que o tratamento seja efetivo. O mundo está usando com sucesso. HCQ foi criada no Brasil, por um paraense, há 88 anos, e está até hoje sendo usada para a malária, lúpus, e outras doenças. É barato, por isso os políticos odeiam.	-

Fonte: Elaboração própria a partir de comentários publicados no YouTube.

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCS652ZCg>

O comentário-disparador (MC(1)) já demarca o tom erístico que permeia a cadeia selecionada, na qual poderemos observar a manifestação de um conjunto variado de fenômenos interativo-argumentativos. Veremos, ao longo da análise, como um conjunto de seis argumentadores acaba formando uma coalizão argumentativa em torno do referido posicionamento disparador, orientado a atacar a imagem do médico Marcos Boulos, subtraindo-lhe autoridade e credibilidade, para, assim, (1) explicitar a diferença de posicionamento entre grupos, sedimentando as distinções que segregam o endogrupo (*nós*, os defensores da cloroquina) e o exogrupo (*eles*, os detratores da cloroquina) textualmente construídos, processo que tem efeito na coesão endogrupal; (2) potencialmente persuadir o espectador Terceiro, aquele que ainda pode estar em dúvida sobre a questão, a aderir ao posicionamento de que a cloroquina é eficaz e deve ser utilizada no tratamento da covid-19 no Brasil.

Vejamos, em detalhe, como esses dois efeitos são construídos ao longo da cadeia, começando pelos cinco primeiros comentários. Os quatro argumentadores que os constroem integram a já referida coalizão argumentativa, assumindo o papel de Oponente em relação à posição defendida por Boulos. Optamos por este corte, dado que o sexto comentário, de LC, representará uma crítica a esse posicionamento e um alinhamento a Boulos. Nesse sentido, será importante verificarmos o antes e o depois dessa intervenção.

O comentário MC(1) parte da denúncia de uma suposta incompatibilidade entre enunciados passados e presentes de Boulos para invocar nos leitores julgamentos de desonestidade e de impropriedade (MARTIN; WHITE, 2005) – mais especificamente, hipocrisia –, atitudes essas que são dirigidas a minar a plausibilidade da tese defendida por tal ator. Partindo da premissa de que Boulos teria escrito um artigo em que recomendava a hidroxicloroquina para tratamento do chikungunya, atribuindo a ela tamanha segurança que poderia ser aplicada a grávidas – termo destacado em caixa alta que atua no sentido de gerar contraste, na medida em que recupera o discurso de que grávidas constituem um grupo vulnerável para o qual não se recomendam medicamentos potencialmente danosos –, o Oponente faz uma contraposição com o debate presente, em que o médico rejeita o tratamento de covid-19

com hidroxicloroquina, denunciando tal incompatibilidade⁸ a partir da marcação gráfica de risada: *HAHAAH*. As risadas atuam, no enunciado, como pistas do posicionamento do argumentador, que parece implicar ser ridícula ou absurda tamanha contradição, colocando em descrédito a posição do médico. Vemos, portanto, nesse enunciado, a construção de um argumento *ad hominem circumstancial*, definido por Walton (2010) como aquele em que se reduz a plausibilidade da tese pela denúncia de uma incompatibilidade entre aquilo com que o enunciador anteriormente se compromete e aquilo com que o enunciador atualmente se compromete.

Tal tipo de perspectivação, contudo, parece requisitar uma hipótese explicativa, um raciocínio abduutivo de sustentação: “o que levaria um médico a agir de forma tão hipócrita, mudando de posição”? Ao longo das várias cadeias de comentários, hipóteses distintas são levantadas; na conversa em pauta, contudo, elas parecem se reduzir a uma ligação de coexistência entre *ser hipócrita*, *ser comunista*, *ser mau caráter*, *ser pai de Guilherme Boulos/de invasor de propriedade alheia e pregar a ineficácia da cloroquina*, associações essas que acrescentam um traço político à constituição do endogrupo dos defensores da cloroquina, aparentemente filiados a um discurso da nova direita brasileira.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), ligações de coexistência são um importante tipo de argumento baseado na estrutura do real. Argumentos baseados na estrutura do real são aqueles que partem de uma crença, de um juízo supostamente já admitido, ou seja, aceito por um dado auditório, para, assim, promover adesão a uma tese dele derivada. No caso das ligações de coexistência, cujo protótipo é o elo entre o ato⁹ e a pessoa, trata-se de partir do que está acordado sobre um modo de avaliar um ato, transferindo tais propriedades para a pessoa ou, inversamente, partir do que está admitido sobre uma pessoa, a fim de causar uma nova avaliação sobre seus atos.

⁸ A incompatibilidade se sustenta em uma analogia em que se transferem os benefícios de uma medicação utilizada para o tratamento de uma doença, a chikungunya, para outra doença, a covid-19, tendo como elemento em comum o fato de ambas as doenças serem virais.

⁹ Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 339): “Por ato, entendemos tudo quanto pode ser considerado emanção da pessoa, sejam eles ações, modos de expressão, reações emotivas, cacoetes involuntários ou juízos”.

Os comentários CA(1) e AN ecoam a mesma hipótese explicativa: a hipocrisia era esperada, na medida em que o argumentador – representante do posicionamento do exogrupo, favorável à cloroquina – é pai de um *invasor de propriedades alheias*, de alguém que se *apropria de imóveis*. Logo, há, nesse discurso, uma ligação de coexistência entre *ser hipócrita* e *ser pai de invasor de propriedade alheia*.

Ainda no âmbito desses comentários, consideramos importante ressaltar – conforme podemos observar em AN – como a construção *Tá explicado*, seguida de risadas *Kakakakaka*, sinaliza o trabalho abduativo promovido na interação, mostrando o engajamento dos interlocutores na busca de uma explicação para a incompatibilidade, visto que, aparentemente, é apenas com a leitura de CA(1) que AN descobre que o referido médico é pai de Guilherme Boulos, dado esse que parece alcançar coerência no conjunto de crenças desse último comentador.

Ainda no que concerne ao comentário AN, as risadas novamente parecem exercer relevante função: no caso, indiciam a construção de uma comunidade de valores partilhados, o reconhecimento da similaridade de posicionamento e de pensamento, o chegar a uma explicação que já deveria ser óbvia para o endogrupo, considerando as avaliações já compartilhadas entre seus membros sobre quem é Guilherme Boulos, o filho do médico, que fora tanto candidato à presidência em 2019, quanto à prefeitura de São Paulo, em 2020, pelo PSOL, partido filiado à esquerda política. Tal teor de “obviedade”, de confirmação de expectativa é evidenciado, em CA(1), pela enunciação de duas perguntas retóricas (*Mas o que esperar de um homem que educou o filho pra ser um comunista invasor de propriedades alheias?? Quem confia num médico desse??*), cujas respostas esperadas naquela discursividade são *nada e ninguém*.

Além da ligação de coexistência entre *ser hipócrita* e *ser pai de invasor de propriedades alheias*, CA(1) e RC ecoam o elo entre *ser hipócrita* e *ser esquerdista/comunista*.¹⁰ Em RC, o elo chega a ser universalizado: *HIPÓCRITA... como todo esquerdista!* Nesse sentido, o que depreendemos é que a coexistência é estrategicamente empregada como um ataque não só à pessoa de Marcos Boulos – o que caracterizaria,

¹⁰ Consideramos que há uma sinonímia local entre *esquerdista* e *comunista*, em alinhamento a discursos da nova direita brasileira que utilizam os termos intercambiavelmente e de forma pejorativa para atacar qualquer posicionamento político economicamente anti(neo)liberal e socialmente anticonservador.

para Walton (2010), um argumento *ad hominem* direto, cujo objetivo central não difere da variante circunstancial, a saber, a redução da plausibilidade do posicionamento do outro –, mas ao exogrupo como um todo.

Trata-se, portanto, de um enunciado que atua no sentido de ofender o exogrupo, de associá-lo com valores negativos, como *hipocrisia* – e talvez até *mau caratismo*, caso o entendamos, a partir de CA(2), como uma característica que não se restringe apenas a Marcos Boulos, mas todos aqueles que são como ele –, de forma a consolidar a coesão do endogrupo e de seus valores, dicotomizando-o em relação à esquerda e atribuindo-lhe, assim, valores condenáveis, como, por exemplo, o descaso com a vida (“como ignorar um remédio que pode oferecer chances de cura contra uma doença de tais proporções?” parece ser o clamor de vários desses comentadores) ou ainda a desinformação/desconhecimento (conforme podemos depreender dos três últimos comentários).

Os ataques, portanto, não só ao médico, como também a todo o exogrupo configuram, assim, estratégias de impolidez positiva de coesão endogrupal e de distinção intergrupar. O endogrupo ri, se diverte, enquanto seus enunciados geram efeito de sarcasmo sobre o outro, procedimento que parece construir o endogrupo como dotado de valores morais e conhecimentos superiores. Marcos Boulos acaba tornando-se o alvo da bolha ideológica, o centro de um conjunto massivo de ataques orientados a suprimir essa outra posição do debate, sem necessariamente discutir os argumentos de fato levantados e a sua pertinência. É nesse sentido, em especial, que o erístico se manifesta nesse quinteto de comentários: o outro lado da questão, o posicionamento do grupo à esquerda, deve ser eliminado do debate público; seus atores, execrados; e o núcleo da questão – os dados pró e contra à eficácia da cloroquina no tratamento da covid-19 em si –, negligenciados.

A oposição de pontos de vista apenas se faz presente, contudo, no sexto comentário (LC). Assumindo como fato que *A dose usada p tratar covid-19 é três vezes mais alta que a dose usada regularmente*, o argumentador se vale de uma ligação de causalidade para concluir que a probabilidade de ocorrerem efeitos colaterais adversos severos e mortes é maior. Considerando tratar-se de um comentário de nível 3, que responde a MC(1), ele pode ser interpretado como uma tentativa de justificar o posicionamento de Marcos Boulos, dissolvendo assim a posição de MC(1) de que o médico estaria sendo hipócrita. No caso,

não haveria hipocrisia porque as doses seriam diferentes: no tocante ao combate à chikungunya, o médico recomendava o uso porque a dose era três vezes menor, o que reduzia a chance de efeitos perigosos; no caso da covid-19, seria diferente. Vemos, portanto, que LC atua como Oponente da coalizão anterior, realizando uma argumentação abduativa orientada a restaurar a credibilidade do médico e, nesse processo, a informar aos outros participantes o que estaria – em sua perspectiva – de fato ocorrendo. Consequentemente, a atitude de oposição de LC a filia à posição de Boulos contrária à eficácia do composto.

Seguem a este comentário três posições orientadas a refutar a explicação de LC. Conversacionalmente, são três heterocorreções (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2015) com distintos níveis de profundidade tópica e com graus variados de (im)polidez. Uma vez que a dinâmica interacional, que se estende no tempo, é fundamental para o modelo dialogal, analisaremos os comentários em ordem, começando por JC.

Contrastando com a postura erística dos outros participantes, o comentarista inicia sua intervenção por um ato de fala de polidez negativa (BROWN; LEVINSON, 1987) – *desculpe-me* –, sinalizando previamente que sua posição será distinta e que o que dirá poderá expor LC, demarcando, assim, respeito pelo outro, apesar da discordância. A correção volta-se a questionar o conteúdo proposicional da argumentação anterior, com base em uma experiência pessoal: a esposa do ator estaria usando cloroquina há três anos na dosagem mais alta recomendada para tratamento da covid-19 (segundo o que ele ouve dos médicos que tratam do assunto na mídia). Nesse sentido, o que JC faz é fornecer um exemplo¹¹ que contrasta com o que LC enuncia, de forma a construir uma refutação a seu argumento em defesa da credibilidade de Boulos.

No caso em questão, o desacordo não se dá primordialmente sobre a dosagem em si – embora possamos inferir que haja algum “ruído” a esse respeito –, mas sobre os seus possíveis efeitos, ou seja, sobre a “regra” de causalidade que liga as supostas altas doses de cloroquina recomendadas para tratar a covid-19 e seus efeitos adversos que podem

¹¹ Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), “a argumentação pelo exemplo [...] supõe um acordo prévio sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares” (p. 399) e deve “usufruir de estatuto de fato, pelo menos provisoriamente” (p. 402).

culminar em morte. Afirmar que a esposa toma cloroquina há anos na maior dose recomendada para a covid-19 não é um argumento que corrige a dosagem, mas é um argumento que mostra o quanto a droga não é nociva, uma vez que a esposa vive e, aparentemente, sem efeitos colaterais graves. É contra essa regra que JC se posiciona, construindo, portanto, um exemplo que é tomado como fato (não há desdobramentos na interação que questionem se, de fato, a esposa toma ou não cloroquina e se não teve mesmo reações adversas) e que, portanto, pode atuar na rejeição da regra, ecoando as crenças prévias do endogrupo favorável ao uso do medicamento. Nesse processo, a intervenção de JC acaba contribuindo para o reforço do ataque à credibilidade de Boulos.

Nesse ponto, cabe fazermos um importante destaque metodológico: na prática, não há nada no enunciado de JC que explicitamente conecte sua fala à credibilidade de Boulos. Contudo, isso é possível de ser mapeado quando se consideram as interações entre os comentadores com base nos distintos níveis de análise. Em outros termos, como LC é Oponente de MC(1), que ataca a credibilidade de Boulos por meio de um *ad hominem* circunstancial, e JC é Oponente de LC, que buscou resgatar a credibilidade do médico ao mostrar possíveis diferenças da dosagem do remédio e suas consequências, buscando, assim, explicar a mudança na recomendação, torna-se viável analisar o impacto da correção de JC, calcada em um exemplo que contraria o dito de LC, em termos da sua relação com MC(1), no segundo nível. É ainda viável mostrar como isso se relaciona com o vídeo da CNN, no primeiro nível, na medida em que a posição de JC se torna um argumento não em prol da eficácia da hidroxicloroquina, mas um argumento contrário à sua rejeição com base em supostos efeitos colaterais danosos, o que tornaria JC indiretamente Oponente de Boulos. Logo, o que vemos é a importância do mapeamento das intervenções em níveis como forma de compreender o jogo das perspectivações (para propor, opor-se ou questionar) em função do todo.

O ator MC volta à disputa nesse momento e retoma a postura erística com que inicia a cadeia de comentários. Sem preocupação com a face do outro, procede a uma heterocorreção sem reparos – *não é* –, contraindo o espaço dialógico da interação de forma a desestimular posições discordantes, conferindo um estatuto irreal ao enunciado de LC (*A dose usada p tratar covid19 é 3 vezes mais alta que a dose usada regularmente*). O efeito de tal ato de fala parece estar ligado à tentativa de eliminar a concepção de LC do domínio dos pontos de partida – ou

seja, daquilo que é acordado entre aqueles que assumem tanto o papel de Proponente quanto o de Oponente – dessa argumentação como um todo.

Após informar qual seria supostamente a dose certa, MC(2) parte para dois atos de fala de impolidez positiva direta, segundo tipologia de Culpeper e Hardaker (2017), orientados ao ataque à face positiva de LC (*Se informe. Do contrário fica evidente q mente descaradamente*). A contraposição intersentencial, marcada pelo operador *Do contrário*, acaba implicando, de um lado, ou que a interlocutora é julgada como desinformada – logo, incapaz de contribuir genuinamente para a discussão –, ou que ela age de má-fé, na medida em que não se constatando a desinformação, a única hipótese plausível que explicaria o seu comportamento seria a de que se trata de uma *mentirosa descarada*. Vemos, portanto, que além da correção de ordem factual, MC(2) também realiza um *ad hominem* direto que complementa sua intervenção, cuja orientação parece ser a de atingir a credibilidade de LC e, por conseguinte, apoiar a coalizão de que faz parte no sentido de detratar Boulos e deslegitimar o discurso contrário à eficácia da hidroxicloroquina.

Um ponto discursivamente relevante de se ressaltar neste momento é o quanto a incidência de ofensas parece ser comum nesse tipo de interação erística. Mais do que apenas um ato de fala orientado a um suposto desmascaramento do outro, os múltiplos atos de impolidez parecem constituir um padrão interacional esperado: espera-se que uma coalizão argumentativo-discursiva adote violência verbal contra a outra posição e, portanto, contra aqueles que a defendem, de forma a gerar engajamento da bolha ideológica e ratificação de seus valores, de suas crenças, de seus comportamentos. Parece ficar em segundo plano a ponderação,¹² entendida como essa capacidade de escutar o outro e de considerar seriamente seus posicionamentos e argumentos como dignos de atenção e respeito (não necessariamente de adesão – e isso deve ficar claro), para que, assim, seja tomada uma decisão razoável sobre aquilo que é preferível. De fato, na esteira de Dascal (1998), Walton (1998) e van Laar (2010), trata-se de um jogo em que se busca vencer; mas mais do que isso: de um jogo em que concepções e valores arraigados não podem ser postos em risco e devem ser reiterados a qualquer custo, o que abre espaço para que os participantes, legitimamente, empreguem um

¹² Tal noção de ponderação incorpora ideias presentes na discussão sobre racionalidade manifesta de Johnson (2000) e sobre competência argumentativa de Grácio (2010).

conjunto de ferramentas sociosemióticas para cimentar suas posições, dentre as quais a impolidez.

Por fim, SM coroa a cadeia com a reprodução de uma série de posições e argumentos que permeavam – e que, de alguma forma, ainda permeiam – a discussão sobre a hidroxicloroquina nos círculos da nova direita brasileira. De forma análoga ao que faz MC(2), SM inicia sua intervenção fazendo uma correção sem nenhum reparo (*vc está mal informada*), diferentemente do que faz JC ao desculpar-se antecipadamente. Novamente, o que se faz é buscar minar a aceitabilidade de um dado, de um ponto de partida. É, contudo, o que ocorre na sequência que é mais interessante e que se diferencia do que vimos até este momento da interação.

Primeiramente, SM concede a JC no tocante às doses acima do recomendado; contudo, restringe tal fato a um estudo que categoriza como *criminoso* e que teria levado pacientes à morte. Categorizar como *crime* é essencial nessa perspectivação, tendo em vista que, dessa forma, acaba-se restringindo os possíveis efeitos adversos do medicamento a seu mau uso. O mais relevante, todavia, é a construção de uma finalidade, escopada pelo operador de restrição *apenas: apenas para desacreditar o remédio*. Nesse sentido, o que SM acaba por defender é que o discurso que rejeita a eficácia da cloroquina parte de evidências manipuladas, ou seja, de estudos em que o medicamento foi mal utilizado por *criminosos* que tenta(ra)m sabotar a aplicação massiva do composto deliberadamente.

Ao mesmo tempo, portanto, que isso pode ser um argumento (ainda que conspiratório) para se rejeitarem os dados sobre os impactos negativos do remédio que sustentam a defesa de sua não aplicação¹³ – atingindo assim o argumento pragmático¹⁴ de que se vale

¹³ É importante perceber, nesse caso, que não se trata de argumento que defende a eficácia nem a ineficácia da cloroquina, mas de argumento orientado a refutar os dados que sustentam a defesa de sua não aplicação, calcada nas consequências negativas de seu uso. No fundo, portanto, trata-se de argumentação que visa minar a Base (TOULMIN, 2006) – a origem dos dados – que sustenta o argumento pragmático.

¹⁴ Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 303) definem o argumento pragmático como “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis”. No caso, um dos pontos de que se vale Boulos para defender a não aplicação massiva da cloroquina (*ato*) são justamente seus potenciais efeitos nocivos à saúde, dado que o uso da medicação pode aumentar o risco de quadros derivados que podem levar à morte (*consequências negativas*).

o exogrupo representado por Boulos, Oponente da aplicação massiva da hidroxiquina –, tal segmento também pode caracterizar-se como uma tese, que requisita defesa (a propósito, ela será fornecida ao final do turno). A pergunta “o que se ganha tentando desacreditar um remédio que, em tese, é efetivo no tratamento de uma doença pandêmica?” certamente se encontra no horizonte de expectativas, especialmente quando se considera um leitor em dúvida, querendo se informar, ou seja, um Terceiro. Nesse sentido, fornecer um argumento em prol de tal visão só faz sentido em termos dessa visada ao Terceiro, dado que, no endogrupo da direita conservadora, esse ponto de vista já tende a estar consolidado em seu repertório e, no exogrupo da esquerda, a tese é provavelmente avaliada como conspiratória; logo, indigna de atenção.

Tal argumento é exposto no último período do texto, no qual o comentador se vale da apreciação *barato* para justificar o ódio político ao remédio. O elo entre tal argumento e a hipótese conspiratória não ocorre explicitamente, requerendo alta inferenciação por parte do leitor. A ideia de que *políticos odeiam coisas baratas* parece estar associada a uma presunção de senso comum de que *políticos sempre querem lucrar ou sempre agem em benefício próprio*. Na discussão como um todo – que extrapola o recorte do *corpus* aqui realizado –, um dos principais argumentos levantados é o de que os políticos lucrariam com contratos superfaturados firmados no contexto de lotação dos hospitais¹⁵ ou ainda que os governos regionais receberiam verba do governo federal com cada morte por covid-19; nesse último caso, a base era um *fake news* de alta circulação nos grupos da nova direita.¹⁶ Tal rede de textos, é claro, alimenta a dicotomização discursiva e a polarização entre os grupos, aumentando o teor erístico da discussão.

Por fim, cabe ressaltar a visada informativa que o comentário também parece construir. Ao corrigir LC, SM também assevera que

¹⁵ Um dos comentários ao vídeo, que integra nosso *corpus*, mas, por razões de espaço, acabou sendo excluído deste artigo, explicita o que se encontra presumido em SM (colchetes nossos): *[a hidroxiquina] não interessa a políticos corruptos que querem hospitais cheios e muita gente morrendo para justificar estado de calamidade pública que lhes permita superfaturar contratos sem licitação*.

¹⁶ Segue verificação realizada pela Agência Lupa: *#Verificamos: É falso que São Paulo recebe 16 mil reais para cada registro de morte por Covid-19*. Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/25/verificamos-sao-paulo-16-mil-covid/>. Acesso em: 15 mar. 2021

as doses de hidroxicloroquina para tratar covid-19 – apreciada como *praga chinesa*, fomentando mais uma vez a polarização, posto que traz construção lexical que indicia um posicionamento anti-China, típico da nova direita e da gestão do presidente Jair Bolsonaro – são adequadas, destacando o fato pela digitação em caixa alta do operador de negação *NÃO*, de forma a contrair o espaço dialógico da alternativa contrária, de maneira análoga ao que faz MC(2) quando inicia seu turno com *não* é. Mas SM vai além: também informa que *a hidroxicloroquina PRECISA ser associada ao zinco para que o tratamento seja efetivo*, reproduzindo um discurso que circula nesse grupo e que ecoa tanto o vídeo quanto o conjunto de comentários na plataforma do YouTube. Tal segmento é coroado pelo enunciado *O mundo está usando com sucesso*, construído linguisticamente como se fosse factual, de modo a incitar uma transferência do todo para a parte: *se o mundo está usando com sucesso, por que o Brasil não usaria?* Nesse ponto, vemos o comentador assumindo uma posição de Proponente da defesa da aplicação da hidroxicloroquina no Brasil;¹⁷ trata-se de uma construção argumentativa de menor teor erístico, mas repleta de desinformação. Cabe-nos talvez perguntar: em que medida a desinformação não seria uma nova faceta do diálogo erístico contemporâneo em mídias digitais? Cremos que se trata de um instigante objeto para novas pesquisas no âmbito dos estudos da argumentação.

5 Considerações finais

Os estudos sobre a argumentação erística derivam da Antiguidade Clássica. Logo, o tema não é novo, mas suas configurações hodiernas têm demandado novas reflexões e, com isso, distintos aparatos teórico-metodológicos para lidar com um fenômeno que, aparentemente, tem se

¹⁷ Ainda que pareça periférico à sua argumentação, não podemos deixar de mencionar que enunciar que o composto fora criado no Brasil e que é útil para outras doenças pode, por um lado, reforçar a adesão à sua visão, tendo em vista o ideário nacionalista do endogrupo, e, por outro, induzir um raciocínio analógico – já mencionado em nota de rodapé sobre MC(1) – que transfere para outras doenças os bons resultados da aplicação de um remédio a um dado conjunto de moléstias, argumentação essa que (embora bastante questionável) pode se fortalecer quando as doenças são todas virais, como é o caso de malária ou chikungunya – mas certamente não lúpus, cujas causas incluem fatores hormonais, infecciosos, genéticos e ambientais.

intensificado, em especial no âmbito das interações em mídias digitais. Neste artigo, defendemos que o modelo dialogal de Plantin (2008) consiste em um caminho produtivo para esse novo olhar, dado que permite articular o interacional, o linguístico e o argumentativo para o exame das práticas argumentativas concretas, situadas no âmbito da diferença perspectivada e tematizada de opiniões (GRÁCIO, 2010).

A análise do *corpus* – (1) um debate entre dois médicos sobre a polêmica em torno da (in)eficácia da cloroquina para o tratamento da covid-19 e (2) uma cadeia de comentários – mostrou como o debate promovido pela CNN Brasil apresenta deslizamentos entre um diálogo persuasivo, orientado para a formação de opinião e para a persuasão do auditório, e um diálogo erístico, em que o acirramento de posições, os ataques pessoais, a atitude fechada e a simulação de razoabilidade impregnada pela busca por assertividade retórica acaba configurando um jogo (VAN LAAR, 2010) em que a busca pela vitória diante do auditório se torna fundamental.

Além disso, observamos como, nas cadeias de comentário, o teor erístico é fulcral, marcado pelo constante assumir do papel actancial de Oponente, em intervenções marcadamente impolidas com ataques à credibilidade do argumentador Marcos Boulos por meio de *ad hominens* diretos e circunstanciais, ligações de coexistência que associavam a defesa de posições contrárias à eficácia e à aplicação da cloroquina a atitude como *ser hipócrita, ser esquerdistas/comunista, ser pai de invasor de terras e ser mau-caráter*. Conforme discutimos naquele momento, tais estratégias, que vinculam a argumentação à impolidez, parecem orientadas não apenas ao ataque ao argumentador em si, mas a todo grupo que defende uma posição contrária ao uso da cloroquina, processo que contribui para a delimitação das fronteiras entre o endogrupo e o exogrupo e para a coesão endogrupal.

Claramente, o contexto de polarização política (especialmente relevante nesse debate sobre saúde pública) e as potencialidades do digital (principalmente, o processo de formação de bolhas ideológicas e a possibilidade de interação recíproca com outros atores de forma tanto síncrona quanto assíncrona) potencializam as oportunidades de confronto de posição que podem culminar na dicotomização de que fala Amossy (2018), criando, assim, condições propícias para a emergência do erístico.

Este artigo consiste, assim, em um esforço inicial para entender o funcionamento das interações erísticas contemporaneamente. Nesse

sentido, é também um convite para que mais pesquisas sejam realizadas no Brasil acerca de interações polêmicas na internet, a fim de que possamos compreender cada vez mais as formas de construção do debate público no Brasil e, inclusive, entender melhor as condições de emergência do erístico, suas formas de constituição, seus apelos, suas formas de validação social, bem como os meios para lhe oferecer ativa resistência.

Contribuição de cada autor

A organização do artigo foi realizada em parceria pelos três autores, mas houve mais dedicação de Isabel Cristina Michelin de Azevedo na concepção do trabalho, na organização da metodologia e da análise das doze intervenções do vídeo Debate 360; de Paulo Roberto Gonçalves-Segundo na fundamentação teórica relativa à impolidez e à discussão erística, na construção da metodologia de análise dos comentários relativos ao vídeo analisado e na análise de uma cadeia composta por nove comentários, além da composição das considerações finais; de Eduardo Lopes Piris na proposição do título, na fundamentação teórica relativa ao modelo dialogal, na transcrição e análise das intervenções relativas ao referido vídeo, além da revisão final.

Referências

ALBARELLI, A. P. *Uma análise da descortesia como estratégia de persuasão em interações polêmicas: o debate político*. 2020. 378f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020. DOI <http://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-18082020-170840>.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Piris e Moisés Ferreira. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, 2011. DOI: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>

AMOSSY, R. “Uma guerra civil” na França: a polêmica pública após os atentados de 2015. Tradução de Angela Correa. In: PIRIS, E.; AZEVEDO, I. (org.). *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares*. Coimbra: Grácio, 2018. p. 17-40. Disponível em: <https://kutt.it/3Ibtop>

- BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake News and The Economy of Emotions. *Digital Journalism*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 154-175, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>
- BARTON, D; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução de Milton Motta. São Paulo: Parábola, 2015.
- BENJAMIN, J. Eristic, Dialectic, and Rhetoric. *Communication Quartely*, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 21-26, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1080/01463378309369481>
- BLITVICH, P. G. C. The YouTubification of Politics, Impoliteness and Polarization. In: TAIWO, R. (org.). *Handbook of Research on Discourse Behavior and Digital Communication: Language Structures and Social Interaction*. Hershey: IGI Global, 2010. p. 540-563. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-61520-773-2.ch035>
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BURGESS, J.; GREEN, J. *YouTube: Online Video and Participatory Culture*: 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2018.
- CULPEPER, J. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)
- CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <http://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>
- CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Macmillan, 2017. p. 199-225. DOI: http://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9
- DASCAL, M. Types of Polemics and Types of Polemical Moves. In: CMEJRKOVÁ, S.; HOFFMANNOVÁ, J.; MÜLLEROVÁ, O. (org.). *Dialoganalyse VI/1*. Tübingen: Verlag, 1998. p. 15-30. DOI: <http://doi.org/10.1515/9783110965056>

FÁVERO, L.; ANDRADE, M.; AQUINO, Z. Correção. In: JUBRAN, C. (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 241-256.

GOMES, L. F. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011.

GRÁCIO, R. A. *Para uma teoria geral da argumentação*: Questões teóricas e aplicações didáticas. 2010. 446f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/12486>

JOHNSON, R. *Manifest Rationality: A Pragmatic Theory of Argument*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2000.

JUBRAN, C. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*: níveis de Análise Linguística. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. v. 2, p. 357-439.

JUBRAN, C. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-42, 2011. DOI: 10.20396/cel.v48i1.8637253

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação*: princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezani. Parábola: São Paulo, 2006.

KNOBLAUCH, H.; SCHNETTLER, B. Videography: Analysing Video Data as a 'Focused' Ethnographic and Hermeneutical Exercise. *Qualitative Research*, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 334-356, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1468794111436147>

MARTIN, J.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Basingstoke: Macmillan, 2005.

PERELMAN, Ch.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, C. Le trilogue argumentatif. Présentation de modèle, analyse de cas. *Langue Française*, [S.l.], n. 112, p. 9-30, 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1996_num_112_1_5358. Acesso em: 15 mar. 2021.

PLANTIN, C. *A argumentação*: história, teorias, perspectivas. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

PLANTIN, C. *Dictionnaire de l'argumentation*. Une introduction aux études d'argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.

PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAN LAAR, J. A. Argumentative Bluff in Eristic Discussion: An Analysis and Evaluation. *Argumentation*, [S.l.], v. 24, n. 3, p. 383-398, 2010. DOI <https://doi.org/10.1007/s10503-010-9184-5>.

WALTON, D. *The New Dialectic: Conversational Contexts of Argument*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.

WALTON, D. Formalization of the Ad Hominem Argumentation Scheme. *Journal of Applied Logic*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 1-21, 2010. DOI: 10.1016/j.jal.2008.07.002